



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MIRIAM ROCHA VELOSO

MULHERES E SOCIABILIDADES NA PICOS DOS “ VERDES ANOS 50”:
Possibilidades de um fazer historiográfico dentro da perspectiva de gênero

PICOS-PI

2014

MIRIAM ROCHA VELOSO

**MULHERES E SOCIABILIDADES NA PICOS DOS “ VERDES ANOS 50”:
Possibilidades de um fazer historiográfico dentro da perspectiva de gênero**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves.

PICOS-PI

2014

Eu, **Miriam Rocha Veloso**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 10 de julho de 2014.


Assinatura

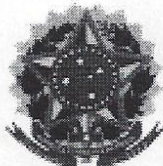
FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

V437m Veloso, Miriam Rocha.
Mulheres e sociabilidades na Picos dos verdes anos 50: possibilidade de um fazer historiográfico dentro da perspectiva de gênero / Miriam Rocha Veloso. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (54 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. MSc. Naudiney de Castro Gonçalves

1. Mulheres. 2. Sociabilidades 3. Lazer. 4. Anos Dourados. I. Título.

CDD 305.409 812 22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezoito (18) dias do mês de março de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Miriam Rocha Veloso** sob o título **Mulheres e sociabilidades na Picos dos verde anos 50: possibilidade de um fazer historiográfico dentro da perspectiva de gênero**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves
Examinador 1 : Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe
Examinador 2: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Suplente: Profa. Ms. Iael de Sousa

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 18 de março de 2014

Orientador (a): Naudiney de Castro Gonçalves
Examinador (a) 1: Agostinho Júnior Holanda Coe
Examinador (a) 2: Francisco Gleison da Costa Monteiro

MIRIAM ROCHA VELOSO

**MULHERES E SOCIABILIDADES NA PICOS DOS “ VERDES ANOS 50”:
Possibilidades de um fazer historiográfico dentro da perspectiva de gênero**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves
Orientador

Prof^ª. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador

Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe
Examinador

Prof. Ms. Iael de Sousa
Suplente

Ao meu filho Derick Vinícius que desde o momento em que Deus o concebeu em meu ventre se tornou a razão maior da minha vida, preencheu o meu coração com um amor que eu jamais pude imaginar existir!! Obrigada por alegrar os meus dias e me fazer sentir a mãe mais feliz e orgulhosa do mundo!

AGRADECIMENTOS

Concluir este Curso é, sem dúvida, uma das maiores realizações pessoais e profissionais da minha vida. Depois de tantos altos e baixos, neste momento não poderia deixar de agradecer àquelas pessoas que muito contribuíram para a realização desse sonho.

Agradeço a Deus pela vida, pela saúde, por me fazer determinada e por acalmar meu coração diante de tantos obstáculos a serem superados.

À minha família, todos, sem exceção, por estarem sempre presentes, me apoiando e ajudando a seguir em frente. Especialmente à minha mãe Maria Mercêdes, que me ensinou a ser batalhadora e sonhadora; ao meu pai Firmino; minha irmã Marli, que sempre foi a minha maior apoiadora e incentivadora nos estudos e que me ajudou, ao longo da vida inteira, a construir a bagagem cultural que tenho hoje; ao meu maninho Ricardo. Aos meus irmãos que estão distantes, mas que sei sempre torceram por mim: Felipe, Carlos, Adelina, Luzia, Judite, Edite e Albertina. Agradeço, especialmente, ao amor maior de minha vida, meu filho Derick Vinícius por ser a razão maior do meu viver e que me mostra a cada momento o quanto a vida é bela.

Grata às minhas amigas Ana Priscila e Lucimar exemplos de dedicação e “intelectualidade” (risos), que muito me inspiraram e me ajudar no decorrer do Curso. Pelos esclarecimentos dos textos, incentivo, apoio, por serem minhas advogadas (risos), enfim, pela amizade sincera. Pessoas que levarei para a minha vida inteira, almas irmãs da minha. Amo demais!! Obrigada, obrigada, obrigada!!!!

Às minhas queridas amigas: Railani, Rannylene, Vanderlene, Jayonara, Livia, Gisele, Fernanda, Virlândia, pela paciência para ouvir os meus lamentos (risos), por serem minhas companheiras inseparáveis. Aos meus amigos de farra que tanto alegam o meu viver: Rafael, Wesley, Thasmanny, Lucas, Rubens, Robson, Raymara, Larissa, Rayla, Amanda, Raninha, Lígia, Thays, Artur, Bismarck, Taizy, Roniel, Wiliam, Alex. Aos meus cunhadinhos queridos Edimilson, Fábio e Gisele. E, com carinho, ao meu namorado Wagner.

Aos colegas de classe mais queridos: Dinha, Rauênia, Sivanilson, Zé Paulo, Adson, Claudia, Itamar, Luzinete, João Neto. E, também, aos demais que sempre foram pessoas muito agradáveis comigo.

Aos meus mestres, pessoas pelas quais tenho profunda admiração: Ana Kock, Ana Paula Cantelli, Frederico Osanan, Johny Santana, José Lins, Mairton, Maria de Lourdes, Marta Rochelle, Marylu Oliveira, Nilsângela Cardoso e Rodrigo. E muito especialmente aos professores Agostinho Coe e Gleison Monteiro nos quais encontrei apoio nos momentos difíceis do curso em que tudo parecia estar perdido.

Agradeço muito carinhosamente ao meu orientador, professor Naudiney, que com muita competência, carinho e paciência foi me mostrando os caminhos a serem seguidos ao longo da realização deste trabalho. Obrigada pelo incentivo e por ter acreditado que eu era, sim, capaz de realizar um trabalho monográfico.

Aos amigos Eduardo Almeida, Marcos Vinícius e Francisco Silva que muito gentilmente me cederam algumas fontes para análise.

Às minhas amáveis entrevistadas por terem compartilhado suas memórias comigo e que me receberam em suas casas com tanto carinho, com direito a suquinho e biscoitos (risos): Amanda Lélis, Oneide Rocha, Remédios Maia, Conceição Albano e Assunção Duarte.

Enfim, a todos que torceram e acreditaram em mim. Eu só tenho a dizer obrigada, obrigada e obrigada!

Parece que dizes, te amo, Maria
Na fotografia estamos felizes
Te ligo afobado e deixo confissões no gravador
Vai ser engraçado se tens um novo amor.

Me vejo a teu lado
Te amo? Não lembro
Parece dezembro de um ano dourado
Parece bolero, te quero
Te quero dizer que não quero
Teus beijos nunca mais
Teus beijos nunca mais.

Não sei se eu ainda te esqueço de fato
No nosso retrato parece tão linda
Te ligo ofegante e digo confissões no gravador
É desconcertante rever o grande amor

Meus olhos molhados, insanos dezembros
Mas quando eu me lembro, são anos dourados
Ainda te quero
Bolero, nossos versos são banais
Mas como eu espero teus beijos nunca mais
Teus beijos nunca mais.

MÚSICA: Anos Dourados
LETRA: Antonio Carlos Jobim e Chico Buarque

RESUMO

As mulheres das “classes médias” da cidade de Picos, na década de 1950, assim como no restante do país, tinham um anseio de maior participação nas atividades de lazer da urbe. Este lazer também representava os possíveis momentos de sociabilidades femininas. Este trabalho visa, portanto, problematizar alguns desses espaços de lazer/ sociabilidades desta classe, a saber, a Praça Félix Pacheco, as Festividades Religiosas, o Picoense Clube e o lazer no Rio Guaribas. Ao analisar este período circunscrito da história picoense o nosso fio condutor foi, pois, as sociabilidades/lazer. Através do método/ técnica da história oral buscamos analisar e compreender as sociabilidades dos “anos dourados” em Picos. Também foram utilizadas fontes imagéticas, hemerográficas e biográficas.

Palavras- chave: Sociabilidades. Lazer. Anos dourados. Mulheres.

ABSTRACT

The "middle class" women of Picos, as well as the rest of the country, in the 1950s, had yearning for greater participation in leisure activities in the town. This leisure also represented the possible moments of female sociability. This study therefore aims to discuss about some of these leisure / sociability places of this class, namely, Felix Pacheco Square, Religious Festivities, Picoense Club, and leisure in Rio Guaribas. Taking in count this moment of the picoense history our aim was, so, sociabilities / leisure. By the method / technique of oral history we tried to analyze and understand the sociability of the "golden years" in Picos. We also researched old pictures, newspapers and biographical sources.

Keywords: Sociability. Leisure. Golden years. Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Aglomerado urbano da cidade de <i>Picos</i>	21
Figura 02:	Aspecto econômico da cidade, a <i>feira livre</i>	21
Figura 03:	<i>Plantação</i> de alho no leito do Rio Guaribas	22
Figura 04:	<i>Mulheres</i> das “classes médias” no passeio público aos domingos.....	25
Figura 05:	<i>Casamento</i> de jovens de famílias tradicionais da cidade, ano de 1955.....	26
Figura 06:	<i>Formatura</i> do ginásio	28
Figura 07:	Aspectos da <i>Praça Félix Pacheco</i>	33
Figura 08:	Propaganda da <i>Esquina Ideal</i> na Revista Piauiense de Municípios.....	34
Figura 09:	<i>Coreto</i> da Praça Félix Pacheco.....	36
Figura 10:	<i>Festividade Religiosa</i> na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.....	39
Figura 11:	<i>Cadeira</i> de uso individual das igrejas	42
Figura 12:	<i>Cadeira</i> de uso individual das igrejas.....	42
Figura 13:	Festa no <i>Picoense Clube</i>	44
Figura 14:	Baile no <i>Picoense Clube</i>	46
Figura 15:	Aspecto do lazer no <i>Rio Guaribas</i>	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 SER MULHER EM PICOS NA DÉCADA DE 1950	20
1.1 A cidade de Picos nos anos 1950	20
1.2 O comportamento feminino dos anos dourados	23
2 OS ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE PICOS NOS ANOS DE 1950	31
2.1 O Lazer	31
2.2 A Praça Félix Pacheco	32
2.3 As Festividades Religiosas	37
2.4 O Picoense Clube	42
2.5 O Rio Guaribas	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS E FONTES	50

INTRODUÇÃO

Em 1950 o Brasil encontrava-se em um momento de transformações políticas, sociais, culturais e uma das principais mudanças que ocorreram no país, desde o início do século XX, foi a valorização dos espaços urbanos. Assim, novas formas de lazer foram ocupando os espaços públicos das cidades.¹

As mulheres que tinham uma vida predominantemente doméstica passaram a ter um anseio de participar da vida cidadina, a ter mais atividades de sociabilidades/ lazer como a participação no passeio público, nos cinemas, dentre outros. A definição de lazer aqui abordada vai ao encontro do que o livro *Lazer e Cultura Popular* (1976), de Jofré Dumazedier, define como sendo uma oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana².

Nesse sentido, delimitaremos o nosso estudo na década de 1950, considerado por Renato Duarte como “Os verdes anos 50”, devido a ser um momento de grande prosperidade na agricultura e que, segundo Zózimo Tavares, no Piauí “a partir do colapso no negócio extrativista (anos 1950), a importância da lavoura cresceu até tornar-se largamente hegemônica”.³ Com esse recorte mostramos que, apesar de a cidade de Picos⁴, nesse momento, ser um “pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural”⁵, ela passava por um período de transformações sociais, econômicas, culturais e de sensíveis mudanças na vida cotidiana feminina.

Pretendemos mostrar que as mulheres desta sociedade também compartilhavam o desejo de participação nas principais atividades urbanas do período, analisando a constituição de seus espaços de sociabilidades. Os principais lugares/ momentos em que

¹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. Teresina: Edições Bagaço, 2005. p. 39. Pedro Vilarinho é Doutor em História. Trabalha com temáticas voltadas à história sociocultural, principalmente com família e relações de gênero.

² DUMAZEDIER, Jofré. Apud ROSA, Tatiane da Silva da. **Lazer, concepções e vivências de uma juventude**. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.

³ TAVARES, Zózimo. **100 Fatos do Piauí no século XX**. Teresina: Halley, 2000. p. 71.

⁴ Picos é um município de médio porte localizado no sertão do Estado do Piauí a 320 km da capital, Teresina. Tem uma população de 73.417 hab./ IBGE 2010.

⁵ DUARTE, Renato. **Picos, os verdes anos cinquenta**. 2.ed. rev. e ampl. Recife: Nordeste, 1995. p. 17.

se davam essas sociabilidades eram: as conversas nas calçadas, os bares, o passeio na praça, as tertúlias, as visitas familiares, o rádio e as sessões de cinema⁶.

No entanto, nos reportaremos aos momentos em que estas práticas se davam na Praça Félix Pacheco, nas Festividades Religiosas, no Picoense Clube e no Rio Guaribas. Estes se constituem como alguns dos locais possíveis para que se dessem as relações de sociabilidades femininas, tendo em vista as poucas opções na cidade naquele momento histórico. Mas, também se constituem como locais muito lembrados pelas entrevistadas como alguns dos preferidos para o lazer feminino das “classes médias”.⁷

Portanto, com o objetivo de compreender e documentar um período circunscrito da história picoense e sendo a sociabilidade o fio condutor dessa análise, esse trabalho tem como proposta mostrar e analisar as formas de sociabilidades femininas das chamadas “Classes Médias”, “Sociedade”, “Boas Famílias”, na cidade de Picos na década de 1950. Dessa forma, nos propomos a procurar indícios que nos levem a refletir sobre essas práticas de sociabilidades femininas e responder as seguintes questões: Que lugares frequentavam? De que maneira se divertiam?

Levando-se em conta que apesar das transformações nos comportamentos que já existiam na época, na década de 1950 ainda se esperava que a mulher se comportasse de maneira educada e polida, preocupando-se sempre com sua reputação, o que incluía comportamentos como não fumar e não ingerir bebidas alcoólicas.

A reflexão em torno dessa temática aconteceu após o contato com o tema através da apresentação de um seminário para a disciplina de República I⁸, onde tivemos que apresentar o livro *Mulheres Plurais* (2005) de Pedro Vilarinho Castelo Branco⁹, que faz parte da historiografia sobre mulheres no Piauí, no qual ele trata sobre a educação, o mundo do trabalho, as ideias e os papéis sociais femininos, e, sobre as formas de lazer e sociabilidades das mulheres teresinenses na Primeira República, pelo qual nos

⁶ Existe um trabalho monográfico que trata mais especificamente do lazer, do rádio e do cinema na cidade de Picos. Cf. OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Geografia dos Desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em picos na década de 1960**. 2011. 80f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

⁷ De acordo com Albertina Mirtes de Freitas Pontes, é bastante problemático o uso da expressão “Classe média”, por isso é muito comum o emprego do termo “Classes médias” no plural, por se admitir que dentro dessa categoria se enquadrem vários grupos socialmente identificados. No contexto dos anos que compreendem a década de 1950, classes médias representavam, na cidade de Picos, a elite, as pessoas ricas, que se identificavam como tal, principalmente por fatores socioeconômicos. Esta era a categoria na qual as entrevistadas se sentiam pertencentes.

⁸ Disciplina ministrada na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, pela Professora Marylu Oliveira, no semestre 2011.2.

⁹ CASTELO BRANCO, Op. Cit.

interessamos e refletimos que se fazia necessário uma abordagem sobre lazer articulando a referida obra com as mulheres na cidade de Picos. Percebemos, então, que a grande maioria dos habitantes picoenses desconhece as características femininas desse momento histórico, o que legitima mais ainda a realização dessa pesquisa.

A problemática historiográfica deste trabalho monográfico levou em consideração as discussões teóricas que permeiam a historiografia. Dessa maneira, alguns autores foram usados para que pudéssemos ampliar o entendimento necessário sobre o tema aqui tratado.

Nessa pesquisa adotou-se como referencial teórico a Nova História Cultural que aponta para uma variedade de temas, objetos e fontes, sendo uma história plural. Para corroborar destacamos o que diz Pesavento (2004), “um dos aspectos que mais dão visibilidade à História Cultural: a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de fontes”¹⁰.

Partindo do interesse de estudar as formas de sociabilidade e lazer femininas, faz-se necessário entender como a História concebe a mulher como objeto de pesquisa e como a História Cultural pensa os estudos sobre as mulheres:

A grande reviravolta da História nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribuiu para o desenvolvimento de estudos sobre mulheres. Fundamentalmente nesse particular, é o vulto assumido pela História Cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos, as pessoas comuns. Pluralizam-se os objetos de investigação histórica e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história.¹¹

Percebe-se, através da linha de raciocínio da autora, que foi através da reviravolta sofrida pela História nas últimas décadas, notadamente no bojo da História Cultural, que surge espaço para a história dos até então excluídos dos interesses da escrita historiográfica, entre estes se inclui a história das mulheres.

Em relação aos referenciais que tratam sobre a temática História e Gênero, trabalhamos a categoria Gênero partindo da perspectiva das ideias da autora Joan Scott, no livro *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989), segundo a qual esta é

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.69.

¹¹ SOIHET, Rachel. História das Mulheres. FLAMARION, Ciro Cardoso. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 275.

uma categoria útil para a análise histórica, onde as relações entre o masculino e o feminino devem ser analisadas e entendidas como categorias indissociáveis e construídas culturalmente.

Para se ter uma percepção de como e quando surgiu a história das mulheres, Michelle Perrot (1988) diz:

A história das mulheres, da qual a nossa obra é tributária e solidária, desenvolveu-se de há “20” anos para cá. Toda uma série de fatores, próximos e remotos, contribuiu para o seu aparecimento. Em primeiro lugar, a redescoberta, a partir do século XIX, da família como célula fundamental e evolutiva das sociedades, e que se tornou o cerne de uma antropologia histórica que põe em primeiro plano as estruturas de parentesco e da sexualidade e, conseqüentemente, o feminino.¹²

Foi a partir das discussões empreendidas com os autores que serviram como embasamento teórico que norteamos a realização do estudo sobre as sociabilidades e formas de lazer das mulheres das classes médias na sociedade picoense. Pudemos, assim, alcançar os objetivos desejados com a intenção de ampliar os horizontes de abordagem da pesquisa histórica.

Em relação à utilização dos documentos pela História, estes são transformados em fontes pelo olhar do pesquisador. Tendo em vista a importância das fontes, que nos trazem muitas informações acerca dos objetos de pesquisa em História, problematizamos que estas não devem ser consideradas verdades absolutas, sendo necessário analisá-las, estabelecendo aquilo que ela pode oferecer, assim como sua verdadeira natureza e limites.

Por se tratar de um trabalho que utilizou de entrevistas com algumas mulheres picoenses e conseqüentemente com a memória dessas mulheres, é salutar destacarmos que nas Ciências Sociais o responsável por introduzir a memória como um objeto de análise foi Maurice Halbwachs, em 1925. De acordo com o que Pierre Nora (1993) reviu sobre as proposições de Halbwachs acerca da temática, a memória é o que é lembrado individualmente, mas no seio e de acordo com valores de um coletivo, sendo que o singular tem um papel destacado nessa relação, resultante de relações conflituosas e imposições.¹³

¹² PERROT, Michelle; DUBY, George. **História das Mulheres**: a antiguidade. Porto/ São Paulo: Edições Afrontamento/ EBRADIL, 1994. p. 13.

¹³ NORA, Pierre. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, n. 10, dez/1993.

Mesmo por vezes considerada deficiente no sentido de que ela seja seletiva e, por vezes, falha, a memória se constitui, hoje, como um importante objeto de análise para a historiografia. A História vale-se da memória para chegar a interpretações e informações que outras fontes, talvez, não pudessem viabilizar.

Nas análises de entrevistas que darão conta do que a memória de uma pessoa pode lembrar, ou do que essa memória quer se lembrar, devemos atentar para o que disse Rouso (2000):

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.¹⁴

Portanto, suas memórias coletivas permitirão reconstruir um passado através de lembranças seletivas, considerando que Pierre Nora chama de memória coletiva “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”.¹⁵ Dessa forma, percebemos que trabalhar a história por meio de memória, quer seja de caráter narrativo memorialístico ou por meio da oralidade é uma possibilidade de se fazer história. Em relação ao campo temático, História e Memória, entende-se que:

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história.¹⁶

A metodologia usada foi o método/técnica da história oral por acreditarmos que a utilização dela valoriza os 'atores sociais' como indivíduos sujeitos-agentes de sua própria história; sendo que a partir dela podem ser criadas fontes históricas. A documentação produzida através das fontes orais deve ser armazenada e conservada, tendo sua abordagem inicial partindo do estabelecimento dos objetos da pesquisa.¹⁷

Em relação às entrevistas, nas quais optamos pelo estilo semi- direcionada¹⁸ no sentido de que houvesse uma maior interação do entrevistado com o pesquisador, estas foram realizadas nas residências dessas mulheres por acreditarmos que isto torna a

¹⁴ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 94.

¹⁵ NORA, Pierre apud LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed., Campinas: UNICAMP, 2003, p.467.

¹⁶ NORA, Op. Cit.

¹⁷ FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

¹⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

relação mais próxima. Durante a condução deste estudo, entrevistamos cinco mulheres, de modo a satisfazer os critérios e objetivos dessa pesquisa. Estas foram selecionadas por terem vivenciado o período analisado nesse estudo, algumas com suas memórias e percepções enquanto criança e outras mesmo como mulheres adultas na época e por terem se disponibilizado a compartilhar suas memórias. Tendo-se, porém, o cuidado de não cometer excessos ao se deparar com a indisposição de algum entrevistado, pois de acordo com Peter Burke (1992) “[...] o historiador é alguém que quer lembrar acontecimentos que os outros podem querer esquecer [...]”¹⁹.

Os sujeitos históricos entrevistados nos proporcionaram, através de suas memórias, entender qual era a relação entre os cidadãos picoenses através das sociabilidades e de que forma construíram essas no espaço da cidade. Assim, foi possível compreendermos um pouco mais sobre a sociabilidade feminina e como ela se estabelecia na urbe picoense da década de 1950. Ainda em relação à importância da História Oral, observamos que:

[...] é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhas e testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas um registro de depoimentos sobre essa história vivida [...]. Portanto, a História Oral é um procedimento, um meio, um caminho de produção do conhecimento histórico.²⁰

Para a nossa pesquisa utilizamos fontes hemerográficas disponíveis para consulta de forma digitalizada e que fazem parte do arquivo pessoal do Historiador Eduardo Almeida, que também estão disponíveis no Museu Ozildo Albano, na cidade de Picos. Acreditamos que o jornal, principalmente o “Flâmula”, nos deu informações sobre o comportamento das mulheres dos anos 1950, em Picos. Levando-se em consideração, porém, o que Robert Darnton (1990) nos fala sobre a utilização de jornais como fonte:

[...] Quando aprendi que a notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu. Essa ligação me pareceu convincente, mas todos os dias encontro historiadores profissionais de ambos os sexos, adultos, em plena posse

¹⁹ BURKE, Peter. A história como memória social. In: **O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica**. Lisboa: Difel, 1992. p. 250. (Coleção Memória e Sociedade).

²⁰ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 18.

de suas faculdades, que tratam os jornais como repositórios do real em si, e não coletâneas de relatos²¹.

Para essa pesquisa também foi utilizado como fonte, de forma secundária, o livro de Renato Duarte: *Picos: os verdes anos 50*, por se tratar de um trabalho memorialístico que preza pela reconstrução dos aspectos citadinos da cidade de Picos na década de 1950, abordando aspectos cotidianos como as diversas formas de sociabilidades e de lazer que são o tema do nosso trabalho.

Também utilizamos as fotografias que fazem parte do acervo pessoal de algumas das entrevistadas e do acervo do Museu Ozildo Albano como fonte para as análises acerca da temática por acreditarmos que a imagem é uma ferramenta privilegiada de reflexão do saber histórico. Como disse Ana Maria Mauad “as imagens são concebidas como lugares de experimentação nos quais se produz um saber que é resultado de uma vivência produtiva”²².

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro, percorremos a cidade de Picos fazendo uma contextualização da cidade através da memória dos seus indivíduos e analisamos como se pautava o comportamento feminino das classes mais abastadas, de maneira geral, nos “Anos Dourados”²³.

No segundo, apontamos os espaços de lazer e sociabilidades femininas da cidade de Picos na década de 1950, mostrando uma mudança na mentalidade que trazia o estereótipo de que a mulher deveria viver dentro de casa, enclausurada, sendo que essas limitações variavam de acordo com a classe social, ou seja, as limitações que se geravam em torno das mulheres ricas, geralmente, não se estendiam às mulheres pobres. Então sigamos ao encontro dos modos de se sociabilizarem e de se subjetivarem enquanto mulher, das mulheres das classes médias, em Picos, nos anos que compreendem a década de 1950.

²¹ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990. p.18.

²² MAUAD, Ana Maria. Ver e conhecer: o uso de imagens na produção do saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice Aparecida B. (et.all.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 247-262.

²³ No Brasil, os anos da década de 1950 ficaram conhecidos como “Anos Dourados”. Essa “Época de Ouro” é assim chamada por ser um período próspero que o país viveu após o fim da Segunda Guerra Mundial, um período de revoluções comportamentais, econômicas, tecnológicas e científicas.

1. SER MULHER EM PICOS NA DÉCADA DE 1950

1.1 Uma cidade no alvorecer dos “verdes anos 50”

Picos é um município de médio porte localizado no sertão do Estado do Piauí a 320 km da capital, Teresina. Tem a origem de seu nome devido à existência de diversos montes picosos no entorno da cidade. O seu processo de povoamento se deu no século XIX, por meio do tripé: a fazenda, o curral e a capela, característica comum a várias cidades do Piauí. As principais atividades econômicas, que perduraram desde o povoamento até muitas décadas depois foram a pecuária e de maneira secundária a agricultura de subsistência.²⁴

“A Picos do final da década de 40 e do início dos anos 50 era um pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural”²⁵ que contava com cerca de 50 mil habitantes, considerando-se, também, os habitantes da zona rural²⁶; e em que aconteciam grandes modificações. Neste momento a pecuária, a silvicultura e, principalmente, a agricultura representava uma importante atividade econômica, com o cultivo de alho (através do qual a cidade foi representada com o título de maior produtor nacional por vários anos), feijão, algodão, milho, arroz, mandioca, cebola, abóbora e batata²⁷, principalmente, nas margens do Rio Guaribas, até então perene e de águas límpidas, que também representava um espaço de lazer e de sociabilidade. Essa é a característica que leva o período histórico aqui estudado a ser considerado “Os verdes anos 50”. O comércio já dava demonstrações da grande importância que passaria a ter para a cidade com o aumento da demanda de produtos e consumidores, a cidade passa a crescer.²⁸ Há que se destacar que todo o Estado do Piauí passou por esse processo de transformações. “Os fatores que marcaram a velocidade na ocupação das cidades estão intimamente ligados ao processo de transformações sócio- econômicas por que passou a economia piauiense nos anos 50”.²⁹

²⁴ SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar**: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2005.

²⁵ DUARTE, Renato. **Picos, os verdes anos cinquenta**. 2.ed. rev. e ampl. Recife: Nordeste, 1995. p.17.

²⁶ Revista piauiense de municípios. Picos, ano III, nº 6, julho a dezembro de 1955.

²⁷ Idem.

²⁸ SOUSA, Op. Cit.

²⁹ TAVARES, Zózimo. **100 Fatos do Piauí no século XX**. Teresina: Halley, 2000. p. 65.

A seguir, a figura 01 mostra o aglomerado urbano da cidade de Picos nos anos 1950. No primeiro plano, podemos ver o espaço que era reservado para a feira livre. No segundo plano, o entorno da Praça Félix Pacheco, em formato triangular e que já contava com ruas calçadas, onde podemos perceber a presença de poucas casas, e no último plano, a presença de áreas de matas e dos picos que deram origem ao nome da cidade.



FIGURA 01: cidade de Picos nos anos 1950
Fonte: acervo Museu Ozildo Albano³⁰

Na figura 02 temos representado um aspecto econômico da cidade, a feira livre, que neste momento já dispunha de grande variedade de mercadorias, principalmente resultantes da agricultura da região. A feira livre trará grande notoriedade para a cidade de Picos que passará a ostentar o título de possuidora de uma das maiores feiras livres do nordeste.

³⁰ As fotos que fazem parte do acervo do Museu Ozildo Albano foram tiradas e fazem parte do arquivo pessoal do historiador Francisco Silva.



FIGURA 02: aspecto da feira livre
Fonte: acervo Museu Ozildo Albano

A figura 03 mostra uma plantação às margens do Rio Guaribas, nos “verdes anos” 50. Por ser um rio perene, o Guaribas possibilitava a cultura de diversos gêneros às suas margens. As principais culturas realizadas no verão eram: alface, coentro, cebolinha, cebola e, sobretudo, o alho.³¹ O Guaribas se constituía, naquele momento, como importante fonte de renda e de sobrevivência para os picoenses, em função do que era produzido às suas margens e no seu leito.



FIGURA 03: aspecto das plantações nos “verdes anos 50”
Fonte: acervo Museu Ozildo Albano

³¹ DUARTE, Renato. Op. Cit., p. 18.

A figura acima mostra com propriedade a utilização do Rio Guaribas para a plantação de alho. Na época da vazante, os moradores que tinham como fonte de renda o cultivo da agricultura deixavam de plantar nas proximidades e utilizavam o leito do Rio para o plantio.

No que concerne aos aspectos religiosos, Picos é uma cidade extremamente católica. “Costuma-se dizer que as realizações de caráter religioso são o termômetro pelo qual se pode aferir, ao justo, a fé de um povo”³² e foram muitas as festividades religiosas realizadas ao longo dos anos 1950. Um marco desse momento histórico é a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, construção essa que perdurou durante a década de 1950.

Algumas características desse aglomerado urbano podem ser vistas na seguinte passagem da Revista Piauiense de Municípios, edição comemorativa do Centenário de fundação da Vila de Picos, em 1955:

A terra de Coelho Rodrigues tem médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, comerciantes, casas bancárias, escritórios de representações, cinemas, bares, praças, ruas calçadas, iluminação elétrica, escolas primárias, ginásio, associações de classe, culturais e filantrópicas, campo de pouso, banda de música, coletorias federal e estadual, armazém de cereais, secos e molhados, oficinas mecânicas, clubes sociais, e uma renda municipal muitas vezes superior às despesas necessárias ao funcionamento e à manutenção da sua vida autônoma. Conta ainda outras representações que também constituem motivo de orgulho para o povo picoense.³³

Na descrição anterior ficou evidenciado que Picos nos anos 1950 era uma cidade pacata, mas que já possuía os serviços essenciais de saúde, lazer, cultura, educação e cidadania. A cidade de poucas ruas calçadas, com pedras de tamanhos irregulares, e de muitas ruas de terra fofa e avermelhada, é lembrada na memória de suas mulheres das classes médias com saudosismo e nostalgia.

1.2 Comportamento feminino dos “Anos Dourados”

Você Marina, afirma categoricamente que, muito embora possuindo um marido “atencioso”, uma casa com todo conforto e dois filhos lindos, mesmo assim ainda se sente infeliz. É oportuno perguntar-lhe: no que reside a felicidade? ...você acredita que viajando seria realmente feliz? Não, não, Marina. Felicidade não é bem isso, não é o

³² LEAL, Pe. David. Revista Piauiense de Municípios. Picos, ano III, nº 6, julho a dezembro de 1955.

³³ Revista Piauiense de Municípios. Op. Cit.

que você está pensando; a felicidade consiste unicamente em uma coisa muito superior e mais fácil para se conseguir do que viagens pelo mundo a conhecer montanhas de neve. Muita gente viaja para onde quer e nem por isso se considera realmente feliz. Sabe por que, Marina? Não tem toda essa gente o que eu, você e outras temos: um lar, um esposo e dois filhos lindos...³⁴

A epígrafe revela a condição feminina das mulheres das classes mais abastadas na cidade de Picos, nos anos da década de 1950, que é um reflexo do que ocorria no restante do país com as mulheres. É importante tecer, então, uma análise da conjuntura da condição feminina brasileira, no que diz respeito ao período que ficou conhecido nacionalmente como “anos dourados”, e que em Picos, mais do que “anos dourados”, ficou conhecido como “os verdes anos 50”.³⁵ A seguir, podemos perceber qual o comportamento esperado das mulheres da elite.

[...] o real comportamento variava de acordo com a classe. As restrições que cercavam as mulheres da elite refletiam considerações sobre honra feminina, que permaneciam estreitamente relacionadas a honra familiar. Alguns varões da própria elite, que procuravam confinar as relações das mulheres ao meio familiar, onde estariam protegidas de presumíveis perigos de sedução ou assédio sexual, permitiam-se sair em busca de oportunidades de agressão sexual. Mas esta era, muito provavelmente, dirigida às mulheres das classes inferiores, mais vulneráveis e desprotegidas. As questões de honra familiar continuavam, pois estritamente vinculadas à hierarquia social.³⁶

Em Picos, como no restante do país, nos anos dourados, os limites estabelecidos em relação a todos os aspectos do comportamento feminino das mulheres das classes médias, geralmente, não se estendiam às mulheres das classes mais pobres. Alguns desses modelos de comportamento característicos dos anos de 1950 ainda estão presentes nos dias atuais, como bem atesta a observação abaixo:

O modelo familiar calcado na repressão feminina e no machismo prevaleceu ainda durante muito tempo e ainda pode ser observado hoje, em diferentes realidades, em graus e intensidades diferenciados, segundo os contextos sociais específicos.³⁷

³⁴ PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950- 1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p. 54.

³⁵ Em relação a esse comportamento feminino na cidade de Picos existe um importante trabalho monográfico de Michele Ribeiro de Moura (ver referências) que contempla os anos 50 e trata da participação e atuação da mulher na sociedade e na política.

³⁶ HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil: 1850- 1940**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 40.

³⁷ PONTES, Op. Cit., p. 62.

Em se tratando dos anos de 1950, as mulheres das classes médias, no que concerne aos aspectos de seu modo de se vestir, andavam com roupas comportadas, preferencialmente blusa de manga e saia acinturada longa, também era muito apreciado o vestido. Na figura 04, mulheres no passeio público aos domingos pela manhã, com sua indumentária típica dos anos 1950, com seus cortes de cabelo curtos, bem ao gosto daquela época e na presença de companhias, preferencialmente, femininas.



FIGURA 04: vestimentas da classe média, em Picos. 1958
Fonte: acervo pessoal de Remédios Maia

Nos moldes das classes médias dos anos 1950, que estava em ascensão com o crescimento urbano, as mulheres teriam nascido para se tornarem donas de casa, boas esposas, mães carinhosas e atenciosas para com os filhos. Sendo o ponto culminante de suas vidas, o mais almejado: um bom casamento. A figura 05 mostra o casamento de uma jovem, filha de família tradicional picoense, Olívia Rufino com um cabo de polícia, Benjamin Pires Borges. Podemos perceber no enquadramento da fotografia que o local utilizado para tirá-la tem plantas como plano de fundo o que demonstra que o local foi pensado para tal prática. A pose onde os recém-casados mostram suas alianças firmando e registrando o compromisso entre eles.



FIGURA 05: casamento celebrado em 1955, em Picos
Acervo: arquivo pessoal de Olívia Rufino

Neste momento de uma maior possibilidade de acesso à informação, ao lazer e ao consumo, ainda prevalecia culturalmente a distinção entre os papéis masculinos e femininos. Podemos perceber bem os costumes e regras dessa época, vendo que:

As distinções entre os papéis masculinos e femininos, entretanto, continuaram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe de casa”. Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina – impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico -, também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.³⁸

Como observamos, o momento histórico estava voltado para o retorno aos padrões de diferenciação dos papéis femininos e masculinos que haviam, temporariamente, sido amenizados nos anos 1940 devido aos esforços na guerra.

³⁸ PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 608.

Podemos perceber ainda essa diferenciação e superioridade masculina nos relacionamentos vendo que:

No relacionamento entre os sexos, a superioridade do homem era ponto pacífico, sobre o qual não cabiam quaisquer discussões ou questionamentos. Era ele o provedor e o protetor do lar. Sua vontade prevalecia sobre a dos demais componentes da família, que não deviam poupar esforços no sentido de satisfazê-lo e vê-lo feliz.³⁹

É salutar destacarmos que, no momento histórico abordado, dentro do que era socialmente aceito para as mulheres das classes médias picoense, era permitido que estas estudassem e trabalhassem, o trabalho, porém, era visto com reservas. Geralmente concluíam apenas o ginásio, devido à cidade não contar ainda com o ensino superior. Sair de Picos para concluir os estudos ficava, geralmente, para alguns rapazes das classes mais abastadas. É justamente essa possibilidade de estudos voltada para o magistério que deu a muitas dessas mulheres a possibilidade de seguir a carreira de professora, que era uma das poucas possibilidades de carreira feminina, mas que nesse momento representava status social. Ser professora, neste momento, era muito prestigiado e respeitado. Importante destacar que em meados de 1955, em Picos, 73% das pessoas com mais de 10 anos de idade não sabiam ler e escrever.⁴⁰ Ainda em relação à educação feminina vemos que:

Inspirada em conteúdos prescritivos, a educação feminina, desde a infância, era direcionada no sentido de formar a mulher e prepará-la para assumir futuramente o papel que a sociedade dela esperava. A maternidade era estimulada desde cedo, com a prevalência das bonecas nas brincadeiras das meninas. Uma forma de estimular, desde a mais tenra idade, a naturalização do instinto maternal.⁴¹

A seguir, a figura 06 representa uma formatura de conclusão do ginásio, nos anos 1950, percebe-se que homens e mulheres estudavam juntos. O casal da foto, por coincidência, acabou por se casar.

³⁹ PONTES, Op. Cit., p.59.

⁴⁰ Revista Piauiense de Municípios. Op. Cit.

⁴¹ PONTES, op. Cit. p. 55.



FIGURA 06: formatura no ginásio, em Picos
 Fonte: acervo pessoal de Amanda Lélis

Havia uma distinção entre o que era o comportamento de uma moça de família, ou seja, aquele esperado pelas filhas das classes mais abastadas. Estas deveriam se portar corretamente, ter gestos contidos, quase não usavam batom ou maquiagem, respeitar os pais, não se permitirem nenhum tipo de intimidade com homens a fim de que jamais ficassem “mal faladas”⁴²; desse modo jamais conseguiriam um pretendente que tivesse intenções sérias para com elas, que pretendessem se casar com elas, já que, nesse momento, os homens é que escolhiam as suas noivas e não mais os pais faziam essa escolha, mesmo que a influência familiar permanecesse forte e reconhecida. Estes aspectos as distinguiram das moças consideradas levianas, de reputação duvidosa, das quais as moças de família não deviam se aproximar para não serem atingidas por sua má fama.⁴³

Percebemos, no entanto, que algumas dessas moças das classes médias se rebelavam contra essas normas estabelecidas e preferiam estudar ou trabalhar a casar. E de tanto escolherem um homem com as qualidades almejadas por elas, como a inteligência, acabaram por ficar para “titia”, ou seja, não se casaram. As transgressões dos costumes chegavam até mesmo a atos como fumar, ler coisas proibidas e a abrir mão da virgindade. Mas, o que prevalecia nos “Anos Dourados” era que “As mulheres

⁴² O termo “mal falada”, na década de 1950, significava uma moça de reputação duvidosa, que não era bem vista pela sociedade.

⁴³ PINSKY, Op. Cit.

vivem para o amor”. Romantismo e sensibilidade eram características tidas como especialmente femininas, sendo que toda uma literatura alimentava esta inclinação. As mulheres buscavam ter comportamentos que não as levassem a ficar “faladas”, “mal vistas”. Então, “As pessoas sabiam como andar, e a cidade pequena, tudo que você fazia tava nas vistas do povo e, a língua do povo é grande. A gente acatava porque ninguém quer andar na boca de Matilde! Era assim!”.⁴⁴ De acordo com as informações dessa memória, percebe-se que, devido ao fato de que em uma cidade relativamente pequena praticamente todas as pessoas se conhecem, as mulheres das classes médias tentavam se portar de maneira que não fossem criticadas, por acreditarem que deviam satisfação de suas vidas para a sociedade.

O código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas. A moralidade defendia a *boa família*, ou melhor, o modelo dominante de família.⁴⁵

A partir dessas ideias é possível tecer algumas considerações, apesar de ser um momento de grandes transformações na vida feminina e corroborando com isso Bittencourt (2001) diz que a disciplina rígida no sentido de manter as mulheres das camadas médias e alta em casa se atenua e elas começam a participar mais da vida social⁴⁶, ou seja, aconteceram mudanças de comportamento na sociedade em relação a como a mulher era vista, a rigidez para com os parâmetros comportamentais destas é atenuada, se comparado com as décadas anteriores, por exemplo, ainda assim a mulher permanecia como alvo principal dos julgamentos da sociedade.

Para se ter uma percepção maior de como a mulher era percebida na cidade de Picos, na década de 1950, pode-se observar uma poesia de Lourenço Campos, publicada no jornal *Flâmula*, um órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva que se destacou pelo conteúdo e pela forma, tinha um caráter literário e noticioso, seu primeiro número circulou em 15 de março de 1952, em Picos. A poesia diz o seguinte:

⁴⁴ DUARTE, Maria Assunção Portela. Nasceu em Picos. Atualmente é dona de casa e tem 79 anos de idade. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

⁴⁵ PINSKY, OP. Cit., p.613.

⁴⁶ BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade**: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.

[...] Com rapaz rico casou-se ela! Mulher feliz, muitos diziam! [...] Meses depois vem o aborto, conta a malvada às amigas! Seu proceder... Mulher feliz? Algumas loucas ainda louvam a triste ação! E ela a sorrir vitoriosa: Eu sou moderna!!⁴⁷

De acordo com a poesia, uma mulher que, nos anos 1950, pratica um aborto é considerada como transgressora dos preceitos morais da época; como alguém que não valoriza a família e o destino natural de uma mulher, naquela época, que era o de ser mãe. A mulher retratada na poesia tem o comportamento condizente com o de algumas mulheres que se rebelavam contra as normas estabelecidas. Esta poesia, portanto, critica a imagem da mulher que se diz “moderna” para aquele período, como uma mulher que não respeita as tradições e fica relegada ao esquecimento. Podemos perceber o ponto de vista masculino a partir da postura do autor da poesia.

Podemos perceber que apesar da multiplicidade de manifestação das subjetividades que são resultado de um contexto produtivo-cultural específico, das várias formas encontradas por essas mulheres das classes médias de se subjetivarem, são possibilidades objetivas abertas pelas mudanças ocorridas nas relações sociais e de produção, produzindo mudanças socioculturais, atitudinais, comportamentais. As mulheres da “sociedade” picoense, mesmo aquelas que tentavam romper com o modelo estabelecido de comportamento, se viam obrigadas a se comportarem dentro da “normalidade” do que era aceito pela sociedade.

⁴⁷MULHER MODERNA. **Flâmula**, Picos, p.4, 21 set. 1952.

2. OS ESPAÇOS DE LAZER E SOCIBILIDADES NA CIDADE DE PICOS NA DÉCADA DE 1950

2.1 O Lazer

Com o advento da Escola dos Annales, mais precisamente com a sua Terceira Geração, na década de 1970 é que vai ocorrer uma mudança de foco, onde vão aparecer os estudos sobre o cotidiano e suas representações. É a partir do advento da Nova História Cultural, nos anos 1980, com Roger Chartier e Michel de Certeau que o lazer e as sociabilidades se tornam objetos de estudo⁴⁸.

Somente a partir da década de 1970 vão ser publicados trabalhos mais sólidos sobre lazer, no Brasil. Para tanto foi grande a influência dos trabalhos do sociólogo francês Jofré Dumazedier. O autor define lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.⁴⁹

O lazer objetiva um descanso das obrigações e da labuta cotidiana do trabalho, um divertimento, recreação e entretenimento, até mesmo uma formação desde que essa seja desinteressada, ou seja, qualquer atividade que seja por sua livre vontade, sem nenhuma obrigação de fazê-la.

No trabalho que se realizou, os locais analisados onde são praticadas as atividades de lazer dessa classe feminina, se confundem também com os espaços possíveis para que houvesse as interações de sociabilidade que se constitui como interações e relações sociais dentro de uma determinada sociedade. Tais relações podem se dar por motivos naturais, vontade individual ou de um grupo, constituindo-se como uma relação durável ou por interesses individuais, constituindo-se como relação artificial e mutável, como bem retrata Brancaleone (2008):

⁴⁸ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

⁴⁹ DUMAZEDIER *apud* ROSA, Tatiane da Silva da. **Lazer, concepções e vivências de uma juventude**. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006. p. 25.

[...] Pela vontade natural, as relações entre os homens teriam valor por si mesmas, sendo intrínsecas, não dependendo de propósitos exteriores ou ulteriores a elas. Já a vontade arbitrária se pautaria na diferença entre meios e fins, sendo racional e motivada por finalidades exteriores às relações estabelecidas socialmente.⁵⁰

Essa necessidade de interação entre os indivíduos dentro da sociedade “Surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos. Os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de auxílio, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens”⁵¹

Mais que descrever os locais em que aconteciam os momentos de lazer e de sociabilidades femininas das classes médias em Picos, a seguir buscaremos analisar, também, as razões pelas quais essas mulheres usavam seu tempo livre desta ou daquela forma, levando em consideração, que tais escolhas são subjetivas e que só podem se basear nas opções existentes, que no caso específico eram poucas. Mostrar e analisar, também, algumas características bem peculiares da sociedade picoinense no que diz respeito à diferenciação entre as classes sociais nos espaços de sociabilidades, diferenciações estas que se davam mais no trato mulher com mulher. A seguir faremos uma descrição dos principais espaços para o divertimento, a interação, os encontros, enfim, de ruptura com o cotidiano dos anos de ouro em Picos.

2.2 A Praça Félix Pacheco

Para começar, o ponto no qual a cidade estava centrada era a Praça Félix Pacheco, que se constituía como a principal zona de lazer da cidade. Ao seu redor encontravam-se bares, sorveterias e o cinema. Esse passeio público se constituía também como um refúgio para as mulheres que tinham sua vida mais limitada ao ambiente privado. Sair mesmo, para algumas, “Só no domingo pra ir pra praça, a coisa melhor que tinha aqui era aquela Praça, e era linda a Praça. A Praça era muito maior, cheia de pezinho de figo bem cortadinho, bonitinho.”⁵² Da descrição anteriormente mencionada fica evidenciado o caráter nostálgico com que a entrevistada se refere à

⁵⁰ BRANCALEONE, Cássio. **Comunidade, sociedade e sociabilidade**: revisitando Ferdinand Tönnies. Revista de Ciências Sociais v.39. n.1 2008.p. 99.

⁵¹ ALCÂNTARA JÚNIOR, José. **O conceito de sociabilidade em Georg Simmel**. Disponível:<http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf>. Acesso em 26 jun. 2013. p. 32.

⁵² LÉLIS, Amanda Dantas nasceu em Picos. Atualmente é dona de casa e tem 78 anos de idade. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

Praça Félix Pacheco, onde relata, que este era um dos únicos momentos de lazer qual ela podia participar.

A seguir a figura 07 retrata alguns aspectos da Praça Félix Pacheco, nos anos 1950. Podemos perceber a presença de uma vegetação de pequeno, médio e grande porte, vegetação essa que propiciava bons ares e a tranquilidade de um contato com a natureza, bancos, postes de ferro trabalhado com lustre redondo. Ao fundo construções destinadas a sorveterias, bares, cinemas, que permeavam o entorno da Praça. Um importante cenário, também, para as moças tirarem as suas fotografias. Na figura 08 temos a propaganda da Esquina Ideal, que era composta de sorveteria e cinema. Esta propaganda foi divulgada na Revista Piauiense de Municípios, edição comemorativa do centenário de Picos, em 1955. Por ter a propaganda de seu estabelecimento divulgada em uma revista, podemos perceber que se tratava, pois, de um ambiente bem sucedido financeiramente e assim um local bem visto e frequentado pela “sociedade” picoense.



FIGURA 07: Praça Félix Pacheco
Fonte: Acervo pessoal de Remédios Maia

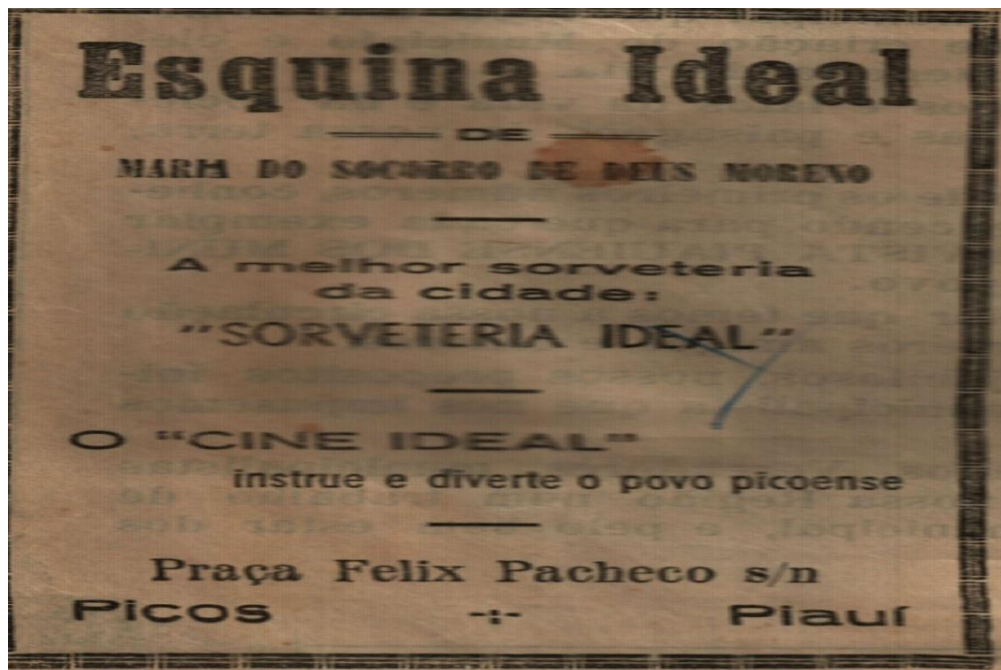


FIGURA 08: propaganda da Esquina Ideal
Fonte: Revista Piauiense de Municípios

A Praça, que tinha seu período de maior movimento nos fins de tarde e à noite, mas principalmente aos domingos pela manhã e nos finais de semana à noite, tinha a seguinte estrutura:

[...] Continha todos os elementos próprios de uma praça como área de lazer e como espaço de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros gramados, bancos que constavam de uma pedra apoiada em dois suportes com o formato de rostos de leões. Os postes de iluminação eram feitos de ferro trabalhado e eram encimados por globos de vidro de cor leitosa [...] Só havia dois tipos de vegetação no jardim: pés de figuinho cuidadosamente podados em forma de cubos, esferas e cilindros; e grama.⁵³

Tinha também um caráter de separação de seus usos e funções, e mesmo um caráter de distinção social bem definida. As mulheres das classes sociais mais abastadas desfilavam suas roupas novas, muitas vezes importadas de outros estados ou copiadas de artistas do cinema, “era saia, vestido, vestidinho arrumado, era vestidinho requintado, bonitinho, ajeitadinho”⁵⁴; assim como o jeito de andar e de se expressar e suas “formosuras” de braços dados com as amigas e pela parte externa da praça,

⁵³ DUARTE, Renato. **Picos, os verdes anos cinquenta**. 2.ed. rev. e ampl. Recife: Nordeste, 1995. p.31.

⁵⁴ ALBANO, Maria da Conceição Silva nasceu em Picos. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros e tem 75 anos de idade. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

provavelmente devido à essa parte ser melhor iluminada por estarem paralelas aos bares e cinemas. Tais desfiles eram feitos por uma espécie de corredor que se formava de rapazes que ficavam como plateia. Geralmente elas iam à praça a partir das 19 horas, frequentemente quando estavam vindo da Igreja, ficavam até às 21 horas, que era o adequado para as moças “de família”, também porque o sino da igreja tocava e a luz elétrica funcionava por meio de um gerador, desligado pontualmente às nove horas da noite, quando todas as mocinhas tinham que ir para casa. Este era o ambiente perfeito para os “flertes” e quem sabe futuros namoros. Para corroborar com este aspecto de distinção social existente no passeio pela Praça, que para a maioria das mulheres das classes médias era tido como algo normal, natural, algumas, no entanto, consideram essa característica como discriminatória. Observemos o que diz algumas dessas mulheres que participaram desse momento de lazer/ sociabilidade:

Então, essa Praça tinha uma característica: o passeio do lado de cá era dos pobres, as meninas pobres passeavam do lado de cá; as meninas da classe média, das famílias de Picos, passeavam do lado de lá. A menina daqui, a mocinha daqui, pobre do lado de cá, pobre, que passasse pro lado de lá era chamada a se retirar. Pra ver como a discriminação era grande!⁵⁵

Não, era assim: o lado daqui era das moças de família e as mulheres mais... elas andavam, mas era só do lado de lá. Do lado que cá, era só as moças de respeito. Elas iam e vinham, iam e vinham, mas era só do lado de lá.⁵⁶

Esses dois discursos parecem convergir para uma mesma formação discursiva que mostra a extrema separação existente no passeio pela Praça Félix Pacheco nos anos 1950. O importante é perceber que os discursos divergem no sentido de que um dá a entender que a entrevistada não concordava com esse tipo de discriminação e a outra parece achar natural essa característica. Mas o que é consenso é que existia uma rígida separação de classes neste passeio público.

Essa disputa entre as classes sociais dentro dos espaços de lazer pode ser entendida quando analisamos as seguintes afirmações:

⁵⁵ ROCHA, Maria Oneide Fialho nasceu em Picos. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros e tem 66 anos de idade. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

⁵⁶ DUARTE, Maria Assunção Portela. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

Em outras épocas e lugares, as pessoas se organizavam de formas diversas para a prática de certas atividades e que isto fazia com que espaços, horários e discursos que se referissem a esta práticas fossem alvo de disputas efetivas e simbólicas das diferentes classes sociais existentes.⁵⁷

Um certo sentimento de individualismo, aliado a um desejo de reconhecimento e personalização, característicos das sociedades capitalistas, estimula a segregação dos grupos urbanos, baseada principalmente em fatores de ordem socioeconômica.⁵⁸

O entorno da Praça era composto de cinemas, sorveterias e bares, estes não eram frequentados pelas mulheres das classes médias, pois “não ficava bem”, a não ser para fazer um lanche, estando sempre acompanhadas de algum irmão ou primo, e para as casadas era imprescindível a companhia dos maridos. Existiam algumas casas, neste entorno, que eram usadas estrategicamente por mulheres casadas e por solteironas, que usavam o pretexto de visitar algum casal de amigos ou parentes, para poderem ficar sentadas até mais tarde nas calçadas observando e apreciando o movimento dos jovens na Praça.

⁵⁷ SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Lazer e desenvolvimento em uma cidade de porte médio entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX. IN: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; FALCÃO, Luiz Felipe (org.). **Cidades médias do Brasil na historiografia contemporânea**. Campina Grande: EDUFCG, 2012. p. 16.

⁵⁸PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950- 1970**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p.116.



FIGURA 09: coreto da Praça Félix Pacheco
Fonte: acervo pessoal de Remédios Maia

Nas tardes de domingo, a banda de música municipal tocava na Praça em um local conhecido como coreto, retratado na figura 09, que era um pequeno cercado elevado, com um palco, considerado a parte principal da praça; e as adolescentes faziam pares entre si para dançarem, não permitindo, assim, a participação dos meninos. Era o momento de aprenderem a dançar entre si, e estarem prontas para os momentos de baile, que geralmente eram realizados na sede do Picoense Clube, onde dançavam com os rapazes. Os escritos a seguir são esclarecedores para o reconhecimento da importância que tinha o coreto:

E, ainda era melhor porque não existia essa dança solta, era mais os bailes a dois, certo? Bom demais! Todo mundo sabia dançar, e todo mundo aprendeu a dançar aqui, bem ali no coreto, na Praça Félix Pacheco. Na Praça Félix Pacheco tinha um coreto, todo domingo tinha uma retreta, a banda de música tocava lá e dançava mulher com mulher.⁵⁹

De acordo com as informações das memórias, percebe-se que a Praça Félix Pacheco se constituía mesmo como um campo de atração para as mulheres das classes médias picoenses. Local que propiciava um dos momentos de lazer considerados por

⁵⁹ MAIA, Maria Nunes nasceu em Picos. Atualmente é professora aposentada e tem 75 anos de idade. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso.** Picos, 2013. Dona Maria é mais conhecida em Picos como Remédios Maia.

essas mulheres como “Bom demais”, afirmação esta que mostra o quão saudosistas são as lembranças dessas mulheres.

2.3 As Festividades Religiosas

As festividades religiosas se constituem como atividades desenvolvidas com fins religiosos pela Igreja e que contam com a participação da população. Por diversas vezes, no período em estudo, e na sociedade estudada, havia uma intenção quase que profana em se frequentar essas festividades. Isto no sentido de que, por muitas vezes, se tornavam apenas um pretexto para as mulheres saírem de casa, ou mesmo como um ponto pelo qual era necessário passar antes de saírem para outro passeio. No entanto, é salutar destacarmos que a cidade de Picos sempre teve muito acentuado esse caráter religioso. Podemos observar que “Do que já se fez e se está fazendo nesta cidade [...] vê-se, claramente visto, o de quanto é capaz o espírito de religiosidade de uma gente”⁶⁰. A seguir, a visão de Pedro Vilarinho Castelo Branco a cerca das festividades religiosas:

Chamamos de festividades religiosas às quermesses das igrejas, às procissões, às novenas e a outros acontecimentos de caráter religioso que tiravam os homens e as mulheres de suas labutas cotidianas dentro do espaço doméstico. Essas formas de lazer tradicionais vão se manter por todo o período de estudo, mostrando a força da religião na vida das pessoas e principalmente na vida das mulheres.⁶¹

As mulheres das classes médias, da sociedade picoense, participavam ativamente das festividades religiosas e também ajudavam na organização destas. Ornamentavam igrejas, preparavam cânticos, participavam das procissões, as quermesses, os leilões e principalmente das missas, nas quais, para irem era necessário que usassem uma roupa mais composta. A preferência era para o bolero, peça da indumentária feminina que consistia em um casaco de mangas três quartos, que era mais versátil, “Tinha umas que faziam o bolero, vestiam o vestido e vestiam o bolero, e iam pra missa. Quando saía da missa tirava o bolero! (risos).”⁶²

Em Picos, as principais festividades religiosas que incluíam missas, novenas e procissões eram, na década de 1950, como ainda são atualmente, as do Sagrado Coração

⁶⁰ LEAL, Pe. David. **Revista Piauiense de Municípios**. Picos, ano III, nº 6, julho a dezembro de 1955.

⁶¹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. 2ª Ed. Recife: Edições Bagaço, 2005. p.41.

⁶² LÉLIS, Op. Cit.

de Jesus (em junho), Nossa Senhora do Carmo (julho), e Nossa Senhora dos Remédios (agosto), que além dos aspectos religiosos tinham um caráter lúdico e profano. Havia disputas entre as associações por uma maior arrecadação de dinheiro que seria revertido para a obra da construção da nova igreja. Esse dinheiro era obtido através de doações, rifas, bingos e de eventos que envolviam toda a população, como quermesses, que eram feiras de comidas e artesanato; bailados, que eram danças executadas nas casas das famílias por moços; os leilões e as peregrinações das imagens dos santos. Esse caráter religioso da cidade pode ser entendido como: “pode não ser aquela fé mais libertadora, mais conscientizadora, mas é uma tradição simples, mas muito forte!”⁶³



FIGURA 10: Festejo de Nossa Senhora dos Remédios, anos 50.
Fonte: acervo do Museu Ozildo Albano

A figura 10 retrata os Festejos de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade. Pelo grande número de pessoas representado, podemos perceber a importância desse festejo para a sociedade picoense, que era extremamente católica. A igreja representada é a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, que teve o seu novo templo construído nos anos 1950, pelos esforços de toda a sociedade que trabalhou na arrecadação de dinheiro para tal empreendimento e também na própria construção em si. Esse processo de construção da Igreja representou um importante momento de sociabilidade desta sociedade naqueles anos, já que grupos de pessoas se reuniam para

⁶³ ROCHA, Op. Cit.

buscar materiais em localidades próximas e entre conversas e brincadeiras surgiram, inclusive, casamentos. Por iniciativa do Padre Madeira, tido como muito moralista, esse acontecimento contou com a participação de toda a população, que em forma de mutirão ajudou a construir a Catedral. De acordo com o relato seguinte, essa mobilização em torno da construção da igreja favorecia “a vida” das mulheres das classes médias, pois os pais permitiam a participação delas devido a ser uma atividade de caráter religioso.

Então, é uma coisa muito, que eu me lembro muito nos anos 50 e falando na questão do lazer e a religiosidade, é a construção dessa catedral que era a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, que hoje é a Catedral. Foi construída em sistema de mutirão, como você sabe! Então, aqueles encontros favoreciam muito a juventude. O padre dizia: vai buscar um bocado de telha! O Padre Madeira dizia assim: não sei quantos milheiros de telha da Ipueiras pra vim pra cá! Vinha, juntava gente novo, velho, criança, jovem, casal de namorado, pegavam lá essas telhas, botavam no braço e traziam pra cá e assim foi feito. Esses encontros favoreciam... (risos) o pai deixa ir pra lá.⁶⁴

Para a maioria das mulheres das classes médias picoense a programação do domingo começava com a missa das 6 horas ou a das 9 horas. Para as mais jovens, muitas vezes, esse era o melhor pretexto para saírem de casa e logo após a missa passarem na Praça Félix Pacheco para dar um passeio e rever os amigos. Um momento privilegiado dessa participação na igreja eram os encontros e os passeios promovidos pelos sacerdotes para manter as jovens na fé cristã. Essa característica sagrada, com intenções um tanto quanto profanas, pode ser percebida neste relato:

A missa, quem perdesse a missa de domingo já tava descontado que não ia na Praça. (risos) Quem era besta de não ir pra missa! Não fosse pra missa, perdia a Praça. (risos). E, a Praça, tinha gente que ia todo dia, mas dia de domingo você não tinha condição... mais era andando, era andando. Não tinha condição de você andar uns indo e outros vindo, não! Era todo mundo na mesma direção! (risos).⁶⁵

A religião católica era dominante no Brasil... Então, as novenas, as procissões, vamo dizer lá! Eu até anotei aqui! A juventude também participava, e, nessas novenas, missas, procissões, leilões, quermesses, festa de natal, de ano novo, Coração de Jesus, da Padroeira, era um ponto de encontro. Que o pai não queria que saíssem não sei pra onde, mas pra igreja podia, né? Então, era por ali que os jovens se encontravam, começavam a namorar, começavam a... e depois noivados e casamentos, né? Era um ponto forte de encontro porque pra igreja podia ir.⁶⁶

⁶⁴ ALBANO, Op. Cit.

⁶⁵ LÉLIS, Op. Cit.

⁶⁶ ALBANO, Op. Cit.

Essas memórias corroboram, portanto, com a ideia de que ao participarem das festividades religiosas, mesmo que, é claro, existisse toda uma intenção de participar das atividades católicas, que era a religião seguida pela maior parte dos brasileiros naquele momento, havia também um pretexto nessas participações para que essas mulheres pudessem sair de casa e dessa maneira pudessem se socializar com as demais pessoas.

Um fato interessante que merece ser mencionado é que essas mulheres, das classes médias, mantinham cadeiras individuais nas igrejas, que eram personalizadas de variadas maneiras, desde que contivessem as iniciais de sua proprietária ou da família; as cadeiras ficavam dispostas no salão da igreja, bem próximas ao altar. As outras mulheres sentavam-se nos bancos de uso coletivo ou ficavam em pé. Essa característica mostra bem a diferenciação social e econômica até mesmo dentro da igreja. Isso pode ser percebido nos relatos seguintes:

Aqui, cada um tinha sua cadeira. Eram umas cadeiras de madeira, ai cada uma tinha um travesseiro que era menorzinho e, a cadeira da largura de uma dessa aqui. Era feita de madeira e tinha um costão mais baixo da pessoa se ajoelhar. Ai pegava aqui, se ajoelhava e botava o braço aqui em cima da cadeira. Era cheio de cadeira [...]. Naqueles travesseirinho tinha o nome do dono. Tinha gente que se ajoelhava vendo o nome, mas, na hora que o dono chegava...! (risos). Podia até se ajoelhar quando o dono não estava, não tinha ido naquele dia.⁶⁷

Uma coisa sempre me incomodou: as cadeiras tinham dono! Ou tinham o nome na costeira da cadeira, tinha o nome da família ... uma costeirazinha pra pessoa se ajoelhar, um travesseiro que era também o nome da pessoa... Então eu achava muito ruim, eu como criança na década de 50, quando alguém chegava na igreja e tinha uma pessoa ajoelhada na cadeira, dizia: levante que é minha! Quando eu chegava lá e tinha alguém sentada na cadeira daqui de casa, eu tinha vergonha de pedir! Eu tinha pena! (lágrimas nos olhos!) [...] só quem tinha boas condições de vida! Os pobres não tinham! Só tinha cadeira as famílias daqui do centro! Que tinha um poder aquisitivo bom e que tinha condição de mandar um carpinteiro, um marceneiro fazer uma cadeira, eu achava muita discriminação.⁶⁸

Como vimos nas narrativas acima, era comum e socialmente difundido o uso da cadeira individual por parte das classes médias. Nas figuras 11 e 12 podemos observar uma dessas cadeiras que resistiu ao tempo e que se encontra, hoje, na Igrejinha do

⁶⁷ LÉLIS, Op. Cit.

⁶⁸ ROCHA, Op. Cit.

Sagrado Coração de Jesus, no bairro Centro, em Picos. A cadeira retratada nas figuras é fabricada em madeira, tem encosto, o assento dela dobra-se para que se possa ajoelhar sobre ela, na parte de baixo podemos observar a existência de um pequeno travesseiro que se encontra preso à cadeira e é usado como apoio para os joelhos. Em seguida podemos ver mais relatos que confirmam essa característica tão peculiar das missas picoenses que era o uso da cadeira individual.



FIGURA 11: cadeira de uso individual
Fonte: acervo pessoal de Miriam Rocha



FIGURA 12: cadeira de uso individual
Fonte: acervo pessoal de Miriam Rocha

Minha mãe mesmo tinha a cadeira dela. Mas, cada família levava a sua cadeira, nera cadeira da igreja pra dar pro povo não! Era as famílias que tinham condição faziam a sua cadeira, mandava fazer um travesseirinho pra ajoelhar, cadeirinha que levantava a tampinha, podia se ajoelhar.⁶⁹

Mamãe tinha umas três cadeiras nossas, daqui de casa, mas quando ia muita gente faltava cadeira. Ai, ela chegava numa cadeira e dizia: “Essa cadeira é sua?” “Não senhora” e ela dizia: “Pois levante!” (risos). Chegava em casa, mamãe matava Salete de brigar! Mas, não tinha jeito não, ela era moleca demais!⁷⁰

Podemos assinalar um fato, observado nos quatro relatos, em que possuir cadeiras individuais para se sentar na Igreja era uma realidade apenas para as classes médias da cidade. Por uma questão mesmo de que era necessário um maior poder

⁶⁹ ALBANO, Op. Cit.

⁷⁰ DUARTE, Maria Assunção Portela. Op. Cit.

aquisitivo para comprar as cadeiras. Há que se observar, no entanto, que estas cadeiras eram utilizadas, pela maioria das mulheres, como mais um meio de ostentação da classe social a qual pertenciam e de distinção entre estas e as mulheres pertencentes às classes mais pobres da cidade. Usadas, por diversas vezes, como um modo de “humilhar” estas mulheres pobres, não possuidoras das cadeiras.

2.4 O Picoense Clube

Antes da inauguração da Sociedade Civil Picoense Clube as festas aconteciam nas casas das famílias ou em algum prédio público, como o prédio da Prefeitura ou o do Tiro-de-Guerra. Quando de sua inauguração, funcionava na Rua Coronel Francisco Santos, onde atualmente fica o “Empório dos Alumínios”⁷¹, e era um clube privado. Portanto, só tinham acesso os sócios e as pessoas que tinham condições de pagar.

O Picoense Clube, nos anos 1950, tinha a seguinte estrutura física:

[...] Não passava, na verdade, de uma ampla casa adaptada um tanto precariamente para tal finalidade. Havia dois salões separados por um corredor: o salão da esquerda era usado como pista de dança e na parte posterior, ficava o espaço destinado ao conjunto. No salão da direita ficavam as mesas e as cadeiras; o bar funcionava onde antes era a cozinha da casa; o quintal, onde havia uma frondosa mangueira, era usado como espaço extra para colocação de mesas e cadeiras nas festas mais concorridas. Como o prédio era conjugado, as condições de ventilação eram precárias, no entanto, e talvez por isso mesmo, existia uma atmosfera de intimidade e de aconchego que atenuavam o desconforto provocado pelo calor e pela falta de ventilação do ambiente.⁷²

“O Picoense Clube, ele era uma referência das festas de Picos, tanto na década de 50 quanto na década de 60”⁷³. O matinal no Picoense Clube era um baile muito prestigiado em que as mulheres da sociedade participavam. Conforme se pode constatar no depoimento abaixo:

E como! E sinto saudade! Que saudade eu sinto! Ave Maria, era bom demais! Terminava a missa de 9 todo mundo vinha pra cá, o matinal no Picoense Clube era bom demais! Os rapazes gostavam de dançar,

⁷¹ Empório dos alumínios é uma loja de utensílios domésticos que fica atualmente onde foi fundado o Picoense Clube.

⁷² DUARTE, Renato. Op. Cit., p. 68.

⁷³ ROCHA, Op. Cit.

iam se divertir mesmo, e ainda ficava muita gente da janela olhando, ainda tinha espectadores.⁷⁴

A observação da entrevistada ratifica, pois, a noção de que um dos lazeres mais prestigiados pelas mulheres das classes médias era o matinal no Picoense Clube, onde elas podiam dançar com os rapazes e onde a intenção que predominava era a de se divertirem. É importante se explicar, também, que as pessoas às quais ela se refere como espectadores eram, geralmente, aquelas que não tinham dinheiro para pagarem a entrada, não foram convidadas ou tão pouco sócias e que, portanto, ficavam do lado de fora do clube apenas observando a movimentação dos eventos realizados através das janelas que davam acesso para a rua.

Era animado, geralmente, pela Banda de Música da Prefeitura, que tinha por objetivo trazer diversão para a cidade. O bolero era o ritmo preferido para a dança e raramente tocavam samba ou tango, mesmos ritos tocados no coreto da Praça Félix Pacheco. É importante destacar que esses bailes representavam um momento propício para uma maior aproximação das moças com os rapazes, onde eles podiam conversar com maior liberdade, sorrir, dançar. Esse era o momento mais propício para que as mulheres se arrumassem, “eu percebia aquelas moças da época muito prontas, muito bonitas, de sapato alto, na época usavam uma anágua e ainda usava uma saia por baixo, era colocada na goma, pra ficar dura, pra ficar rodada e namorar.”⁷⁵

A seguir, a figura 13 representa uma festa no Picoense Clube, em 1958. Na ocasião ocorreu um desfile de beleza, a mulher na foto, a saber, Dona Remédios Maia, mostra-se vestida com um estilo de roupa já um pouco moderno para a época, o vestido colado. Mostra, também, toda a preocupação de uma típica mulher das classes médias, da cidade de Picos, nos anos 1950: uma “superprodução” para os dias de festa.

⁷⁴ MAIA, Op. Cit.

⁷⁵ ROCHA, Op. Cit.



FIGURA 13: Festa no Picoense Clube
 Fonte: acervo pessoal de Remédios Maia

As festas realizadas no Picoense Clube tinham regras específicas em relação a quem poderia participar e ao comportamento adequado dentro do recinto. O comportamento esperado nos bailes e festas de salão, como os que aconteciam nos salões do Picoense Clube, na década de 1950 era de que “[...] a mulher “tal como deve ser”, principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão em plena consciência.”⁷⁶ O ambiente dos clubes era o adequado para que se exercessem, com rigidez, o controle social em relação às “moças de família” que estavam sempre sob o olhar vigilante dos pais e dos outros frequentadores. Nesse ambiente elas teriam contato com os rapazes de seu nível social e a partir daí, através das conversas, poderiam se iniciar namoros e possíveis casamentos.⁷⁷

No momento das danças pode-se perceber a relação de poder do homem para com a mulher. Relação essa que se constitui como uma construção cultural que prega a superioridade do homem em relação à mulher. A mulher deveria se postar sentada à espera que algum rapaz a tirasse para dançar, fato que deveriam aceitar prontamente. Caso não acontecesse o convite, a mulher não poderia dançar sozinha, pois, isso se caracterizaria como uma exposição do corpo feminino; ela então permaneceria sem

⁷⁶ PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.p. 14-15.

⁷⁷ PONTES, Op. Cit.

dançar durante toda a festa. O que ela poderia fazer era tentar buscar os olhares dos rapazes, mostrando toda a sua beleza, simpatia, lançando um olhar sedutor, um elegante jeito de dançar, mas mantendo-se sempre reservada, a espera de um convite.

A gente chegava e sentava na mesa, e só se levantava quando um rapaz vinha tirar pra dançar, e a moça que muitas vezes ia pra festa e passava a noite inteira sentada, ai dizia: e ai fulana, a festa ontem? Dizia que era “um crochê danado” (risos), ninguém chamou pra dançar. [...] também acontecia na década de 50, ai dizia: lá vem fulano! (risos) ai a gente se levantava da mesa (risos) [...] pra fugir porque não podia dizer que não, se eles viessem. Ai como você não tinha o direito de escolher, escolhia como? Fugindo (risos). Quem será que ele vai tirar pra dançar? Quem será? (risos).⁷⁸

Outra característica importante em relação às moças de família nas festas e que mostra claramente uma relação de poder da mulher para com a própria mulher é que:

Nas festas, as moças de família não podiam se misturar com aquelas que não fossem mais “puras”. Quando se tinha conhecimento da presença de mulheres mal faladas em festas privadas, o dono da festa era comunicado para que a retirasse da festa, uma vez que o convívio das moças de família com as prostitutas nas festas punha em risco a reputação das casadouras.⁷⁹

Pode-se perceber, diante de tantas regras sobre os comportamentos esperados pelas mulheres da sociedade, que os valores e a moral tinham grande importância nos anos 1950, tanto na cidade de Picos como no restante do país. A mulher que não seguisse aos preceitos morais da época era discriminada ou no mínimo recriminada. O clube, portanto, se constituía como um espaço privilegiado para o lazer de toda a família, como bem atesta o seguinte trecho:

Numa época de rígido controle social e de comportamentos norteados por princípios conservadores, os clubes se apresentaram como espaços privilegiados para desenvolvimento das práticas do lazer familiar, constituindo territórios demarcados para usufruto de atores socialmente identificados.⁸⁰

A seguir, a figura 14 representa um baile nos salões do Picoense Clube, no ano de 1954. Na ocasião havia uma festa solene que fazia parte das comemorações do Centenário de fundação da Vila de Picos. Perceba-se as vestimentas de “gala” utilizadas

⁷⁸ ROCHA, Op. Cit.

⁷⁹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em picos na década de 1960*. 2011. 80f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 56.

⁸⁰ PONTES, Op. Cit., p. 180.

tanto pelos homens quanto pelas mulheres, vestimentas estas que demonstram o luxo ostentado pelas classes médias da cidade. Cabe destacar que por ocasião deste evento somente as pessoas que possuíam certo status social foram convidadas para essa solenidade de comemoração.



FIGURA 14: baile de comemoração do centenário de Picos, 1954
Fonte: Revista Piauiense de Municípios

Como observado na imagem acima, as festas no Picoense Clube eram frequentadas por homens e mulheres que possuíam certo poder aquisitivo. Bailes, comemorações de aniversários, casamentos, batizados eram ocasiões em que aconteciam eventos no Picoense Clube. Muito prestigiado, o local contava sempre com a presença das mulheres das classes médias que, acompanhadas geralmente de familiares, se portavam com comedimento e ostentavam riqueza em seus trajes.

2.5 O Rio Guaribas

Este tópico versa sobre uma atividade de lazer que é típica de cidades de pequeno porte, o banho no rio, como uma forma de lazer apreciada, também, pelas mulheres das classes médias picoenses. O Rio Guaribas, neste contexto histórico, possuía águas límpidas e um curso de água perene. Em um dos trechos de maior profundidade do Rio havia os “poços das mulheres”, que eram trechos do Rio que tinham alguma profundidade e que as mulheres utilizavam para o banho. Eram feitos cercados de palha para que a sua privacidade fosse assegurada. “O local preferido pelas

mulheres para o seu banho de rio era a roça de Raimundinho Santos”⁸¹. “A gente banhava, mais era bem cedinho do lado de lá. Naquele tempo, a gente vestia uma calcinha e uma camiseta. Não tinha maiô, depois que apareceram as piscinas foi que apareceu maiô.”⁸²

O Rio, neste momento, se apresentava bem diferente da atualidade “ali tinha, na época, o Rio transbordava e quando voltava pra seu leito deixava as lagoas, ai era verde, verde! Lembro de pessoas pegando marreca ali perto do Picoense Clube.”⁸³ Essa prática do banho era comum à população de maneira geral. “Todo mundo, todo mundo, era normal ir pro rio tomar banho, não tinha maiô ainda [...] eu acho que eram uns calçãozão, eu não me lembro, ou mesmo de roupa. Tinham os banheiros [...] ficavam nuas porque eram cobertos de palha.”⁸⁴

Tratava-se, portanto, de uma forma de lazer bastante apreciada naquele momento histórico, onde as mulheres podiam contar com privacidade e com o respeito dos rapazes que, sabendo que era local de banho feminino não se aproximavam, como atesta essa entrevistada:

A gente tomava banho aqui, depois dessa ponte Raimundo Duarte, pra lá. A água cristalina, a areia como areia da praia no fundo... e as pedrinhas como se o mar tivesse passado por ali, e as piabinhas. E a gente tomava banho de vestidinho mesmo, calcinha e vestido. Engraçado, e eu acho que menino não ia pra lá. A gente banhava lá e aparecia outros meninos pra lá, também tudo vestidinho e numa boa! A cabeça da gente era outra coisa, né? Não tinha muito essa cabeça de sexo, só isso! Só isso! Eu sei que era um tranquilidade lá. Eu adorava tomar banho ali, eu e minhas primas adorávamos e a gente ia brincar, pulava uma cachoeirinha que tinha lá e brincava [...] não tinha curiosidade de homem ficar olhando ali, nunca, nunca vi, nunca tive notícia não.⁸⁵

A seguir a figura 15 representa uma passagem do Rio Guaribas que, como vemos ao fundo, era usada para o banho de lazer. No primeiro plano, podemos perceber, também, outra forma de uso do Rio, a lavagem de roupa, atividade esta que fazia parte mais do cotidiano das mulheres das classes menos favorecidas, que lavavam roupas, também, para as famílias abastadas. Havia, no entanto, outras formas de uso do

⁸¹ DUARTE, Renato. Op. Cit., p. 21.

⁸² LÉLIS, Op. Cit.

⁸³ ROCHA, Op. Cit.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ ALBANO, Op. Cit.

Guaribas, como por exemplo a pesca, a lavagem de carros e o abastecimento de água para a cidade.



FIGURA 15: Trecho do Rio Guaribas, nos anos 1950.
Fonte: Acervo do Museu Ozildo Albano

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desse trabalho foi o de analisar um período da História picoense, a saber os anos de 1950, utilizando como fio condutor dessa análise as relações de sociabilidades e os momentos de lazer das mulheres das classes médias. Dentro de uma perspectiva dos estudos de gênero, buscamos analisar os modos de se subjetivarem enquanto gênero feminino em sua relação indissociável com o masculino. As análises foram construídas a partir das memórias, das imagens, dos jornais e das fontes biográficas e, assim, pudemos chegar a algumas considerações sobre estas formas de sociabilidades, da década de 1950.

Com o objetivo de ir além de descrever os locais em que aconteciam os momentos de lazer e de sociabilidades femininas das classes médias, em Picos, buscamos analisar como essas práticas sociais foram se construindo e estão vivas na memória desses agentes sociais, a forma como esses sujeitos atribuem sentidos e significados a esses espaços em suas narrativas. Na condição de idosas, essas mulheres trouxeram à tona as mais variadas lembranças de sua juventude, assim como dos momentos de divertimento.

Com o trabalho é possível identificar os locais em que ocorriam segregação e distinção social e o comportamento destas mulheres diante de tal fato. Perceber suas atitudes diante das festividades e dos locais frequentados, que eram ditados pela sociedade da época, e como os valores e a moral tinham grande importância nos anos de 1950, na cidade de Picos.

Almejamos que este trabalho possibilite a continuidade de uma produção em torno da temática escolhida, e deixe uma contribuição para estudos posteriores vistos à escassez e a urgência de uma produção historiográfica que contemple as sociabilidades femininas dos anos 1950.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ALBANO, Maria da Conceição Silva. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

DUARTE, Maria Assunção Portela. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

LÉLIS, Amanda Dantas. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

MAIA, Maria Nunes. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Depoimento concedido à Miriam Rocha Veloso**. Picos, 2013.

FONTES IMPRESSAS

JORNAL FLÂMULA de 21 set. 1952.

REFERÊNCIAS

a) Livros

BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade**: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional (Panorama da história de Rio Grande). Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. 2ª Ed. Recife: Edições Bagaço, 2005.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 18.

DUARTE, Renato. **Picos, os verdes anos cinquenta**. 2.ed. rev. e ampl. Recife: Nordeste, 1995.

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso feminino e identidade social**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

FUNDAÇÃO, Carlos Chagas. **Mulher brasileira**. Bibliografia Anotada. V.2, São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

GONÇALVES, Andrea Lisly. **História e gênero**. Belo Horizonte: Autêntica 2006, 160p.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil: 1850-1940**. Tradução: Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revistada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: UFPB, 2003.

NORA, PIERRE. apud LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed., Campinas: UNICAMP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle; DUBY, George. **História das Mulheres: a antiguidade**. Porto/ São Paulo: Edições Afrontamento/ EBRADIL, 1994.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950- 1970**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. São Paulo: Vozes, 1976.

SAMARA, Eni de Mesquita. **O que mudou na família brasileira?** (da colônia à atualidade). Psicologia USP, São Paulo. Vol. 13. Ed. 2, 2002, p. 27-48.

SAMARA, Eni Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.

TAVARES, Zózimo. **100 Fatos do Piauí no século XX**. Teresina: Halley, 2000.

VENTURI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol. OLIVEIRA, Suely. (Orgs.). **A mulher brasileira no espaço público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. (et.all). **A pesquisa em História**. São Paulo: ática, 1989.

b) Capítulos de Livros, Artigos e Revistas

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997

BRANCALEONE, Cássio. **Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tonnies**. Revista de Ciências Sociais v.39. n.1 2008.

BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.) **A mulher no espaço público**. Revista brasileira de História. São Paulo, v.9, nº 18, ago. 1989/set 1989.

BURKE, Peter. A história como memória social. In: **O mundo como teatro**: estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992. (Coleção Memória e Sociedade).

D'INCÃO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. IN: DEL PRIORI, Mary. (org) **História das Mulheres no Brasil**. 7. ED. São Paulo: Contexto, 2004, p.223-240.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. IN: DEL PRIORI, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. 7. ED. São Paulo: Contexto, 2004, p.241-272.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANKSÓ, István; KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: EdUSP, 2001. V. 2.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. IN: DEL PRIORI, Mary. (org) **História das Mulheres no Brasil**. 7. ED. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-479.

MAUAD, Ana Maria. Ver e conhecer: o uso de imagens na produção do saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice Aparecida B. (et.all.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 247-262.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, n. 10, dez/1993.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009, p. 116-149.

Revista Piauiense de Municípios. Picos, ano III, nº 6, julho a dezembro de 1955.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2 jul. / dez. 1995.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. FLAMARION, Ciro Cardoso. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 275-296.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Lazer e desenvolvimento em uma cidade de porte médio entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX. IN: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; FALCÃO, Luiz Felipe. (org.). **Cidades médias do Brasil na historiografia contemporânea.** Campina Grande: EDUFPG, 2012.

c) **Páginas da internet**

ALCÂNTARA JÚNIOR, José. **O conceito de sociabilidade em Georg Simmel.** Disponível:<http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf>. Acesso em 26 jun. 2013.

d) **Monografias, Dissertações e Teses**

SOUZA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual.** 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2005.

DUMAZEDIER, Jofré. Apud ROSA, Tatiane da Silva da. **Lazer, concepções e vivências de uma juventude.** 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006. p. 25.

MOURA, Michele Ribeiro de. **A Participação e a atuação da mulher na sociedade e política do século XX: um ensaio biográfico de Olívia Rufino, Picos-PI (1930-2000).** Monografia (Licenciatura Plena em História) _ UFPI. Picos-PI: 2012. 135fls.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Geografia dos Desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em picos na década de 1960.** 2011. 80f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.